



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de entrega do  
XVI Prêmio Jovem Cientista e do I Prêmio  
Jovem Cientista do Futuro*

**PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 12 DE DEZEMBRO DE 2000**

*Meus caros Companheiros de Mesa, Jovens Cientistas agraciados,  
Senhoras e Senhores,*

Queria apenas expressar, uma vez mais, como Presidente da República, a alegria que tenho de poder estar participando deste encontro de premiação, que é XVI Encontro que se realiza – embora seja a minha sexta vez.

Porém, sempre que compareci, vim muito feliz, porque acredito que, realmente, encorajar a pesquisa científica é razão de todos aqueles que têm responsabilidade na sociedade. É o que estamos vendo aqui. Nós estamos vendo, aqui, a junção do Governo, através do CNPq, do ministro Sardenberg, do Presidente do CNPq, que acabou de dirigir algumas palavras, da Fundação Roberto Marinho e do Grupo Gerdau.

Isso mostra a preocupação, que não é uma preocupação de um setor, mas de todos os setores da sociedade com a questão da ciência e do desenvolvimento da ciência no Brasil.

Tenho, também, a satisfação de lhes dizer que, a despeito de todas as dificuldades e das carências que ainda existem no Brasil, temos

avançado bastante, em matéria de pesquisa. O Brasil, para começar, organizou suas instituições de pesquisa mais ou menos ao mesmo tempo – me referindo à época contemporânea – que os Estados Unidos e a França.

O CNPq, apesar da juventude do seu Presidente, que ali está, foi fundado em 1951. Isso corresponde ao mesmo período – já me referi algumas vezes a esse fato – à formação de um instituto similar na França, chamado CNRS, da mesma maneira que a organização americana de pesquisa, que creio, é National Science Foundation ou algo assim, foi organizada nesse mesmo período.

E, de lá para cá, essas instituições, as brasileiras, cresceram. Não apenas existe o CNPq, mas existe, também, no Ministério da Educação, dirigido pelo Senhor Ministro Paulo Renato, a Capes, que também fomenta a formação de pesquisadores e que também tem cinquenta anos. É do mesmo período. É o caso do Estado de São Paulo, que tem a Fapesp. Quase todos os estados, hoje, têm, também, suas organizações de fomento à pesquisa.

O resultado é que, no início dos anos 90, o Brasil produzia mil doutores por ano. Este ano, no meu discurso que está escrito, mas eu não gosto de ler, dizia que havia 4 mil doutores. Não, são 5 mil. Já ia subtraindo mil. É, fica rapidamente desatualizado, porque, certamente, o dado estava se referindo até o ano passado e o Ministro Sardenberg acabou de me corrigir, perguntei se eram 4 mil, são 5 mil doutores que estão sendo formados no Brasil.

Para que tenham uma idéia comparativa, a Itália não forma mais do que isso, forma menos. É claro que a Itália tem uma população menor que a brasileira. Mas é verdade, também, que a Itália tem uma renda *per capita* muito maior que a brasileira. Então, dá para ver que há um esforço razoável aqui, do Brasil, para a formação de cientistas.

Mas essa formação não é só do cientista, lá, quando já está na universidade, quando já tem uma bolsa do CNPq. Não. É preciso que comece cedo. É essa a grande função estimuladora desse prêmio.

E acabei de ver, com alegria, que havia, aqui, de três premiados em um certo grau, dois que eram de escolas públicas. Escolas públi-

cas do Ensino Médio, e uma de escola privada. Várias universidades, inclusive do Rio Grande do Sul, universidades federais. Não todas, mas várias federais.

Ou seja, do Nordeste duas universidades. Isso é importante. Quer dizer que não se trata, simplesmente, de uma concentração lá em São Paulo. Claro que o primeiro lugar ficou com o Adolpho Lutz, com o representante de São Paulo. E em outros anos não foi assim, foi para outros estados. Quer dizer, existe, já, um espraiamento da preocupação com a pesquisa, com a ciência e a formação.

E essa idéia, que está sendo mantida há tantos anos lá, pelos que organizaram esse prêmio, é muito boa, porque, inclusive, dá foco às pesquisas em cada ano. O ano que vem será sobre educação. Este ano foram questões relativas ao controle hospitalar e coisas pelo estilo, controle da água e coisas pelo estilo. Mas houve muitos outros temas: conservação de energia, oceanos, alimentos. Vai se variando de ano para ano. Isso, então, mostra, também, essa enorme diversidade de interesses que há no campo científico.

Nós temos que continuar por esse caminho. Tanto é assim que nós temos aumentado, agora, as possibilidades de apoio à pesquisa. Em algumas das áreas que foram privatizadas, no Brasil, criamos uma taxa para fazer um fundo de apoio à pesquisa, nas atividades dessas áreas. Um deles, já neste ano, rendeu 250 milhões de reais, que é do petróleo. O fundo de pesquisa que é ocasionado pela taxa cobrada das companhias que estão explorando petróleo, neste ano, está rendendo 250 milhões de reais.

O Congresso está votando, agora, nesses dias, o que chamamos de Fundo Verde e Amarelo, que é para a questão daqueles que pagam *royalties* de utilização de *software* e questões de informática. Vão pagar também uma pequena parte para que desenvolvamos aqui a nossa pesquisa na área informática, de *software* ou de *hardware*, do que seja. E estamos organizando – não sei quanto fundos são, Ministro – já temos uns quatro, vamos fazer mais uns três, e mais quatro, no futuro. Uns dez fundos diferentes. No conjunto, não é nenhum exagero dizer que vamos dispor de cerca de 1 bilhão de reais, rotineiramente, crescente-

mente – o bilhão vai crescer –, todo ano, para financiar a pesquisa. A pesquisa em ciência e tecnologia, pesquisas feitas nas universidades, feitas nas empresas, feitas em cooperação. E não burocraticamente. Não é recurso para o CNPq ou para as universidades. Uma parte vai para a infra-estrutura universitária, mas o resto, não. Cada um vai ter que mostrar suas qualificações e apresentar lá o seu projeto.

É a vez que estou esperando, porque vou terminar o mandato, daqui a dois anos, e vou fazer um projeto sobre a mulher no Brasil, para poder responder à pergunta que me foi feita aqui, pelo José Roberto Marinho. Enquanto não fizer essa pesquisa, não posso dizer qual é a causa, efetivamente, de termos visto as mulheres com um desempenho tão positivo, tão até espetacular no Brasil. Apenas palpites.

Mas não é desabitual que, nas sociedades, os grupos que são postos à margem guardam uma energia muito grande e tratam de recuperar, muitas vezes, quando as oportunidades aparecem, o tempo perdido. Frequentemente, pode-se ver o número de imigrantes quando se vê a lista de pessoas que entram na universidade. Agora não é tanto, porque já estamos em terceiras e quartas gerações de imigrantes – mas, no passado, era sensível o número de pessoas que eram de origem estrangeira, imigrantes e que entravam para a universidade, que tinham feito a carreira escolar e faziam um esforço muito grande. Isso vai junto com a mobilidade social. Quando a sociedade tem mais mobilidade, permite que a pessoa melhore de vida, facilita, naturalmente. Mas os grupos que são um pouco à margem, são os que mais crescem.

Ora, as mulheres são um grupo maior do que o dos homens, como todo mundo já sabe, hoje em dia. Mas foram dominadas pelos homens. Já não são tanto. Mas ainda assim são. Politicamente, é só olhar o desastre que é: poucas mulheres e muitos homens. Pois bem, esses grupos têm, portanto, uma energia grande. E isso se vê no Brasil com facilidade. Aqui, no Brasil, quando se vêem os dados de proporção de homens e de mulheres que entram nas escolas primárias do Brasil, da 1ª à 4ª séries, é, mais ou menos, 50% e 50%. Da 5ª à 8ª, já tem 48% de homens e 52% de mulheres.

No Ensino Médio, 42% de homens e 58% de mulheres. No Ensino Superior, 38% de homens e 62% de alunos mulheres. Hoje, já há o dobro de alunos mulheres no Ensino Superior.

É de estranhar que, no futuro, venham a mandar mais no Brasil? É claro que não. E é bom – no futuro. (*Risos.*) Mas o futuro está ao alcance de nossas mãos. Esse futuro não é longínquo assim, não. Já está muito presente. E, com a energia acumulada dos anos em que não tiveram as mesmas chances que hoje têm, vai haver uma modificação muito grande na questão de gênero no Brasil e a presença feminina vai ser crescente. Já é crescente, mas vai ser predominante. E nos postos de comando, porque nas universidades – estou dando o dado aqui – é claro: existem 38% de homens e 62% de mulheres. Quase o dobro.

Ora, a sociedade que estamos formando é a sociedade do conhecimento, é a sociedade da informação. É preciso só olhar esses números para ver o que vai acontecer no futuro. Daqui a pouco, vão pedir cota para homem, porque é verdade – quer dizer, hoje em dia, já existe um contingente feminino muito importante, pressionando, no bom sentido para o desempenho.

Uma observação do Ministro Paulo Renato, que vale para esse caso também: o número de anos médios da escolaridade das mulheres já é mais alto que o dos homens. São mais preparadas que os homens.

Então, José Roberto, é por isso que temos também aqui uma presença mais forte de mulheres. E vai ser crescente. Quem não gostar que se mude, porque vai ser assim. Eu gosto. Acho que vai ser assim.

Esse é um dado sociológico, realmente. É um dado sociológico: estamos assistindo a um momento da sociedade contemporânea em que as mulheres, pelo fato de talvez terem ficado à margem de processos decisórios e de terem menos acesso que os homens, quando se abre esse acesso – como começa a ser aberto hoje – elas vêm com um ímpeto muito grande e uma energia muito positiva.

Bom, prometo que vou fazer essa pesquisa mais tarde, quando eu terminar o governo, se ganhar, se conseguir arranjar uma bolsa aqui, da Fundação Gerdau, da Fundação Roberto Marinho, para a minha sobrevivência. Aí, depois, voltamos aqui. Pode ser que eu este-

ja errado nos meus palpites, mas duvido. Acho que é assim mesmo. A presença feminina vai ser crescente. Vai ser crescente na vida acadêmica, no comando do Brasil, na questão relativa também à ciência e à tecnologia.

Eram as poucas palavras que eu queria dizer. E felicitá-los. Felicitá-los muito.

E só um finalzinho: eu não precisaria ter dito nada, porque somos um povo, na verdade, que gostamos tanto quando temos algum estímulo que fiquei aqui embevecido de ver quantas vezes os fotógrafos pediram para vocês serem fotografadas de novo, e mostrando, com muito orgulho, o prêmio que receberam. De modo que só esse fato, só o fato de podermos assistir a uma tarde de júbilo já me deixa feliz. E posso passar o resto do dia esperando que o Congresso aprove o que precisa aprovar.

Muito obrigado.